

Comentários à Mensagem de Silo*

Experiências espirituais de reconciliação parental**

Alexandre Sammogini

Punta de Vacas, Argentina

20 de dezembro de 2011

E-mail: alexandre.sammogini@gmail.com

A reconciliação é uma ave
Que voa para levar esperança
Aos corações obscurecidos

Quando ouvimos seu canto
O amor e o afeto voltam a brotar
em uma fonte de água cristalina.

(Parque de Estudo e Reflexão Caucaia

São Paulo, Brasil, junho de 2011)

* O livro A Mensagem de Silo foi publicado em 2008, em São Paulo pela Escrituras Editora. Tradução de Luís Alves. Pode ser acessado pelo site – www.elmensajedesilo.net

**Testemunhos e aportes sobre a reconciliação parental (relativo aos pais ou aqueles que nos criaram nos primeiros anos de vida) de Ana Lúcia Soto, Blanca Alicia Leal, Cristiane Prudenciano, Delphine Joly, José Roberto Freire, Juana Pérez, Maria Eugenia Montemurro e Maroly Penteado.

“... teus pais e os pais de teus pais continuam em ti.

Não és um bólido que cai, mas uma brilhante seta
que voa para os céus.” (A Paisagem Interna*)

“...diga com o coração aberto: Algo grande e novo aconteceu
hoje em mim, e explique, então, esta mensagem de reconciliação”

(Ato Público de Madri, 1981*)

Agradeço a Silo, “a estrela que nos guia”*

Dedico a meus pais, Cláudio e Rosa

Primeira parte – Comentários a trechos de A Mensagem de Silo

Introdução

Estes comentários surgem a partir de uma experiência pessoal de reconciliação familiar que hoje reconheço como uma das mais Sagradas de minha vida. Recentemente tomei contato com outras experiências de amigos de alguns países, que enviaram seus testemunhos no âmbito da relação entre pais e filhos. Dessas experiências surgiram novas reflexões e comentários.

Os comentários são feitos com base a trechos dos escritos O Olhar Interior, A Experiência e O Caminho que fazem parte do livro A Mensagem de Silo. Também há referências às Jornadas de Maio de 2007 (ver anexo), quando Silo falou sobre a reconciliação como experiência espiritual profunda.

Além dos comentários da primeira parte, a publicação traz na segunda parte os testemunhos de amigos que relacionam a reconciliação parental com suas experiências em torno às práticas de A Mensagem de Silo.

Apesar do foco na relação parental, esperamos que tais comentários e testemunhos incentivem e inspirem processos de reconciliação em geral, entre familiares diversos, amigos, colegas de trabalho, estudos e cônjuges. Afinal, o caminho da reconciliação é o mesmo, ainda que tenha características peculiares na relação entre pais e filhos.

Fundamentalmente, estes comentários surgem da importância de uma conversa pessoal que tive com Silo, quando me incentivou que reencontrasse meu pai. Ele me explicou claramente que os problemas ocorridos entre meus pais não eram de minha responsabilidade. Ou seja, eu não deveria buscar culpáveis e isso me abriu a possibilidade de reencontrar meu pai e me reconciliar com meu passado.

Por isso e por toda a sabedoria que Silo me transmitiu, tenho um profundo agradecimento, por isso trabalho hoje para irradiar sua Mensagem. E uma das formas encontradas é a produção desta publicação. É como ele disse no Ato Público de Madri (ver anexo), em 1981: “acompanha-me em um ato livre, valente e profundo que seja, além disso, um compromisso de reconciliação”.

Desde já, agradecemos a todos os amigos que enviaram seus testemunhos e aportes diversos: Ana Lúcia Soto, Blanca Alicia, Cristiane Prudenciano, Delphine Joly, Juana Perez, Maria Eugênia Montemurro, Maroly Penteado e José Roberto Freire.

Alexandre Sammogini**

Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas

Argentina, 20 de dezembro de 2011

*O guia espiritual Silo viveu entre 1938 e 2010. Os livros e conferências são acessados em www.silo.net

**Mensageiro comunidade Morumbi-Usp/São Paulo: www.mensagensilomorumbi.net

I - A reconciliação como experiência espiritual profunda

“(...) Continuando com a livre interpretação, alguns sentem o Sagrado como o motor do afeto mais profundo. Para eles, os filhos ou outros seres queridos representam o Sagrado e possuem um máximo valor que não deve ser aviltado por nenhum motivo.”

(Comentários sobre A Mensagem de Silo)

Para alguns a relação entre pais e filhos representa o Sagrado nas relações humanas e nas experiências espirituais. Assim como os pais podem considerar aos filhos como o mais importante, também os filhos podem tratar aos pais ou aqueles que os criaram como o valor máximo que não deve ser aviltado.

“(...) Estás reconciliado... Estás purificado...”

Prepara-te para entrar na mais formosa Cidade da Luz, nesta cidade jamais percebida pelo olho, nunca escutada em seu canto pelo ouvido humano... Vem, prepara-te para entrar na mais formosa Luz...”

(Cerimônia de Assistência)

A reconciliação com os pais pode ocorrer em momentos de dificuldades de saúde ou partida do pai ou da mãe. Quando se está nesta situação em que ele ou ela está moribundo, podem passar experiências ou intentos de reconciliação, sobretudo quando se trabalha com a Cerimônia de Assistência. Como se trata do tema da imortalidade, as experiências assumem uma dimensão espiritual profunda.

II – Caminho da reconciliação

“Aspiramos a persuadir e a reconciliar”

(Cerimônia de Reconhecimento)

A reconciliação não surge espontaneamente. Parte de uma necessidade e de uma intenção bem definida. Essa intenção pode ser esclarecida e reforçada com os pedidos. O pedido é realizado ao aspirar um bocado de ar e imaginar que se está levando esse ar ao fundo de coração. Daí se pede por aquilo que se necessita realmente. Pede-se para a imagem de um guia, segundo a crença de cada um. Neste caso, se pede pela reconciliação parental, ou com o pai ou com a mãe. Pede-se para que se reconcilie com essa pessoa, esteja viva ou não, longe ou perto.

III – Relação com os antepassados

“Não imagines que estás encadeado a este tempo e a este espaço”

(O Caminho)

Quando se reconcilia com os pais, eles continuam em ti de uma forma positiva. A cadeia de intenções dos pais, dos avós e dos antepassados mais distantes volta a fluir e abre-se ao futuro. Quando se está ressentido com o pai ou com a mãe, a cadeia de intenções está detida, tem dificuldades de fluir. Negam-se os aportes e virtudes neles e também em si mesmo.

A reconciliação com nossos pais pode nos levar ao resgate de intenção e aportes de antepassados longínquos de outras épocas. Mesmo que sem termos conhecido eles, conectamos espiritualmente com suas melhores intenções. Ficamos agradecidos de fazermos parte desta longa corrente de experiências e sabedoria. É como aquela frase que diz: “teus pais e os pais de teus pais continuam em ti. Não és um bólido que cai, mas uma brilhante seta que voa para os céus.” (Paisagem Interna, Silo)

IV – Aceitar aos pais é aceitar a si mesmo

“O bom conhecimento leva à reconciliação”

(Cerimônia de Reconhecimento)

O bom conhecimento leva a compreender as dificuldades e enfermidades dos pais. Aceitá-los como eles são. Conhecer quais são as dificuldades que possuem e que muitas vezes não conseguem mudar. Dificuldades que em alguns casos são verdadeiras enfermidades psíquicas. Compreendê-los em suas desilusões e desesperanças. Aceitá-los como eles são é importante para a normalização de nossas vidas, porque eles estão dentro de nós. Eles ocupam um espaço importante dentro de nós, pois fizeram parte de nossa paisagem de formação. Negar ao pai, mãe ou àquele que teve presença importante nos primeiros anos de vida, significa negar a si mesmo. Essa atitude costuma produzir atos contraditórios para aquele que nega ou está ressentido com os pais.

V – Não falsificar a memória

“Tampouco estamos tentando esquecer os agravos que aconteceram. Não é o caso de operar a falsificação da memória. É o caso de tentar compreender o que aconteceu para entrar no passo superior de reconciliar”. (Jornadas de Experiências, Punta de Vacas, Maio de 2007)

Não estamos falando de esquecer os agravos que nossos pais possam nos ter provocado. Ou ainda situações de ameaça ou violência que aconteceram ou que ainda podem ser iminentes no presente. Neste casos, devem ser tomadas precauções necessárias para evitar maiores danos. Estamos falando que o “bom conhecimento” nos leva a compreender porque aconteceram as situações que nos feriram. Uma verdadeira reconciliação não se faz com a falsificação da memória, buscando um esquecimento dos danos que nos fizeram. É o caso de buscar uma compreensão mais profunda da situação de violência que nos fez ressentir.

VI – Reconhecer os fracassos

“Desejamos superar a má consciência reconhecendo nossos fracassos”

(Cerimônia de Reconhecimento)

É bastante comum colocarmos a culpa no outro. Quando se está ressentido com os pais, eles são os culpados pelas situações difíceis pelas quais passamos no passado e enfrentamos no presente. Um dos passos importantes para a reconciliação é o reconhecimento de nossa responsabilidade na relação com eles. Reconhecer também quais foram nossos erros e que sempre temos a possibilidade de mudar de atitude, de olharmos essas situações com outro ponto de vista.

Também não ajuda o sentimento de culpa que podemos sentir em relação ao pai ou mãe. Não somos culpados das situações que ocorreram. Além disso, não temos culpa ou responsabilidade dos problemas que aconteceram entre eles.

VII – Reconciliação como processo interno

“Estamos dizendo que a reconciliação não é recíproca entre as pessoas e também que a reconciliação consigo próprio não traz como consequência que outros saiam de seu círculo vicioso embora se possa reconhecer os benefícios sociais de semelhante postura individual.”

(Jornadas de Experiências, Punta de Vacas, Maio de 2007)

A reconciliação não é uma experiência necessariamente recíproca. O outro pode continuar em sua cadeia de violência ou incoerência. E também não depende necessariamente de algum reencontro ou de algum pedido de desculpas ou perdão. A expectativa que isso ocorra entre nós e nossos pais não é uma postura que ajuda na reconciliação parental. O reencontro e a comunicação de coração a coração podem ajudar na experiência reconciliatória, mas em última instância, a reconciliação acontece dentro de nós mesmos.

VIII – Sentir a presença

É possível se reconciliar com o pai ou com a mãe mesmo depois de sua partida, mesmo que não estejam mais nesse tempo e nesse espaço. E a Cerimônia de Bem Estar pode ajudar a tomar contato com aqueles seres queridos.

“Concluiremos esta cerimônia, dando a oportunidade àqueles que assim o desejem de sentir a presença daqueles seres muito queridos, que ainda que não estejam aqui em nosso tempo e nosso espaço, relacionam-se conosco na experiência da paz, do amor e da cálida alegria...”

(Cerimônia de Bem Estar)

Nesse sentido, podemos sentir a presença de nosso pai ou mãe ou qualquer outra pessoa, estejam vivos ou não, ou até mesmo distantes e sem contato conosco. Essa presença pode se desdobrar em uma conversa ou em olhares, que tragam sinais importantes na busca da reconciliação. Com os pedidos, com a intenção decidida, e com a abertura para decifrar os sinais, pode ser que um dia a reconciliação com os pais seja plena e verdadeira e que contribua para uma mudança positiva na vida.

IX – Agradecer

“Quando encontres uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quanto te sintas livre e sem contradição, imediatamente agradece em teu interior...”

(O Olhar Interior – Capítulo XVIII)

Podemos agradecer internamente a cada passo em direção à reconciliação. E quando ocorra a experiência espiritual reconciliatória é o momento de agradecer profundamente a sensação de liberdade e unidade interna que ela trará para sua vida.

Segunda parte: testemunhos e aportes diversos

I - María Eugenia Montemurro (Testemunho)

País: Argentina

Este relato de família se refere a meu reencontro com meu pai, Alfonso Montemurro.

Sou uma mulher adulta e viajarei a minha infância para poder lhes contar:

Meu pai, por volta de 1920, foge de uma Itália convulsionada, derrotada, para a República Argentina com o sonho de poder se instalar e construir uma família. E assim se casa com minha mãe e tem cinco filhos (quatro meninas e um homem).

Eu tenho uma irmã gêmea. Quando tínhamos 2 anos de idade, ele decide deixar nosso lar. Sua relação conjugal era despiedosa, muito sofrida.

Quando completei 16 anos de idade, ele irrompe em minha vida.

Nesse tempo, e coincidindo com a partida de minha mãe para a luz, ele volta.

Eu fiquei com muita raiva e não quis recebê-lo; me sentia muito angustiada, assustada, nem sequer podia olhá-lo, não o reconhecia como meu pai.

Isto acontece por volta de 1960/61. Ele estava voltando a seu país de escolha, o Chile, e disse a meus irmãos que queria me levar com ele, mas eu lhes disse que não queria (além do mais, sentia medo dele) e me apoiaram.

Ele se foi, sem se despedir...

Passaram mais 15 anos e senti uma grande necessidade de vê-lo, desejava arrumar algo que não estava solucionado dentro de mim; sentia tristeza, sofrimento, vazio, mas não me dava conta como sair desse lugar. Quando começo a refletir, esclarecer-me sobre o que me acontecia, inicio uma busca dentro e fora de mim. Em meu interior, a paisagem semeada de dúvidas: como será o homem que amou minha mãe e com o qual me concebeu? Por que perder a oportunidade de descobri-lo como é e chegar a compreender o que eu vivia como abandono? Conhecer suas circunstâncias, suas frustrações, seus sonhos...

Assim, solicitei a uma embaixada que localizassem a meu pai e depois de uma grande busca me chegou uma triste resposta: fazia pouco tempo que ele havia partido a outro

espaço. E o grande salto intentado, me deixou a sensação de estar suspensa no meio do abismo, acompanhando-me, junto a sua copresença, durante um tempo muito longo.

Faz alguns anos, realizando a Cerimônia de Bem Estar* no momento de [“...] aqueles seres muito queridos que, ainda que não estejam aqui, em nosso tempo e em nosso espaço [...]”, aparece o rosto de meu pai; senti um grande medo e meu coração se encheu de agitação.

E toda vez que realizava esta Experiência não sabia o que fazer, um registro agridoce se mesclava com o temor e o gosto, e seu formoso rosto olhando-me.

Pacientemente esperei que me desse um sinal e sua mensagem chegou: necessitava que o amasse, queria que o compreendesse; confessando-me que havia me amado muito, e que todo o tempo eu havia sido seu grande tesouro (##regalona##), seu obséquio mais apreciado; inclusive, a imagem dele me abraçando e brincando comigo como um bebê, ilumina esse espaço.

E assim, sua presença querida se manifesta não apenas na Cerimônia de Bem Estar, mas também que me acompanha sempre com um cálido sorriso. Há momentos cotidianos que sinto que dialogamos e nos compreendemos em profundidade.

Uma imensa alegria e agradecimento por compartilhar com vocês, esta sentida e transformadora reconciliação com meu pai.

*Cerimônia de Bem Estar do livro A Mensagem de Silo

II - José Roberto Freire

País: Brasil

Testemunho:

“Nesta cidade, guarda-se o feito e o por fazer...” *

Dias antes de o meu pai demonstrar qualquer sintoma de que estava doente eu e Iraci, minha mãe, havíamos captado alguns sinais, ele estava prestes a passar por uma transformação importante em sua vida.

Entre os primeiros sintomas, a dificuldade para se alimentar e para respirar, e a sua partida não passaram mais que uma semana, tudo se passou entre o domingo dia 21 e o domingo seguinte dia 28 de Agosto, sendo que no hospital ficou internado apenas três dias. Meu pai José, ou “Zé” (como é conhecido pelos amigos) foi internado com diagnóstico de pneumonia, e logo depois soubemos que tinha um enfisema no pulmão.

No meu caso, duas semanas antes dele ter o primeiro sintoma, logo após ter participado de um encontro da Mensagem de Silo, tive um sonho bastante significativo com meu pai. Sonhei que estávamos a sós em um quarto ele estava deitado em uma cama dormindo enquanto eu estava sentado em uma cadeira ao seu lado com minha mão sobre o seu peito. Nós dois estávamos em silêncio, e assim eu permaneci durante um tempo com minha mão sobre o seu peito enquanto ele dormia, depois senti seu corpo começar a enrijecer até paralisar totalmente e morrer, eu continuei em silêncio com minha mão sobre o seu peito e em pouco tempo ele renasceu, recobrou os movimentos, levantou-se da cama nu, sem roupa, e veio em minha direção com os braços abertos, nos abraçamos com muito afeto e um sentimento de gratidão recíproco e profundo nos uniu naquele abraço.

Quando despertei desse sonho, não tive dúvidas, meu pai estava prestes a passar por uma transformação em sua vida, e essa certeza fez mudar o meu olhar sobre ele, nos dias seguintes a esse sonho me senti mais ligado a ele, tudo passou a ser mais intenso, e também passei a ver de um modo mais compassivo alguns aspectos difíceis e até então,

incompreensíveis da nossa relação, àquelas coisas que às vezes se fraturam na relação entre pais e filhos gerando ressentimentos.

Quando ele manifestou o primeiro sintoma da debilidade em sua saúde compreendi subitamente e só então pude “decifrar” os significados daquelas imagens que havia sonhado, uma imensa compaixão me colocou mais próximo a meu pai, comecei a compreender de um modo totalmente novo as nossas incompreensões afetivas, pouco a pouco foram se iluminando zonas antes obscuras da nossa relação e comecei a vê-lo e aceitá-lo desde um novo olhar ao mesmo tempo sentia que ele também me compreendia.

Na quarta feira ele saiu de casa para o hospital onde ficou internado, demos inicio a um revezamento como cuidadores no quarto do hospital: eu, minha mãe, minhas irmãs Cristiane, Camila e o meu cunhado Carlos. A cada um coube um período de umas oito horas para ficar como acompanhante no quarto dando o melhor de si, também obtivemos autorização para que o João Guilherme, meu sobrinho, pudesse fazer uma visita ao seu avô, muito breve e querida, devido às restrições ao acesso de crianças naquele recinto. Foi uma semana de sintonia muito boa entre nós, rejeitamos a tristeza, as lamentações e o sem sentido para dedicar-nos integralmente a dar o melhor de si.

Fiquei como cuidador na sexta feira, cheguei ao hospital umas 7h00 da manhã levando comigo o livro da Mensagem de Silo, quando entrei no quarto meu pai já não mais podia falar, despedi-me de Cristiane que havia ficado no turno anterior e me sentei numa cadeira que havia ao lado da cama, coloquei minha mão sobre o seu peito e perguntei se ele me ouvia, me sinalizou que sim com um gesto e eu lhe disse que o amava muito, fiquei uns minutos em silêncio e dei inicio a cerimônia de Assistência.

Ele estava muito enfraquecido, mas fazia esforço para ficar com o peito descoberto, não queria que o cobrissem com roupas ou cobertores, entendendo a sua vontade ajudei a deixá-lo descoberto, mas permaneci o tempo todo com a mão em seu peito para que ficasse aquecido. Depois de um tempo, voltamos a realizar a Assistência, e assim a cerimônia foi sendo reiterada ao longo do dia.

Eram 16 horas quando me despedi dele, deixei-o na companhia de minha mãe e fui para casa descansar, em casa continuei pensando, sentido sua presença e realizando a

cerimônia de Assistência, por volta das 19 horas, minha mãe veio para casa e deixou-o na companhia de minha irmã, Camila.

Em um determinado momento em que fazia a cerimônia em casa, me senti envolvido em uma Alegria Imensa, me senti radiante, tive a certeza da reconciliação, soube naquele instante que meu pai estava livre, feliz e profundamente agradecido. A mesma gratidão que sinto por haver aprendido tanto com ele, por aprender a rir e a amar.

Logo depois dessa experiência a Camila me ligou para avisar que meu pai teve morte cerebral, 1h50 da manhã foi quando ele se despiu completamente das vestes deste mundo “...e reconciliado e purificado partiu para sua entrada na mais formosa Cidade da Luz, nesta cidade jamais percebida pelo olho, nunca escutada em seu canto pelo ouvido humano...”

Dalí em diante, essa Alegria insistente me acompanhou em todos os momentos, me senti Fortalecido e em Paz com tudo.

Fui até minha mãe para transmitir a ela a certeza que sinto de que tudo está bem, contei a ela o que havia sonhado dias antes, e ela me disse em calma que lhe havia passado o mesmo, que dias antes também havia sonhado e me contou o seu sonho reconfortante e inspirador...

Já no dia de enterrar o corpo, no domingo, diante de todos não pude deixar de Agradecer e dar o testemunho de um processo de Reconciliação que havia se concluído naqueles dias, e que essa era a fonte da Alegria e da Paz que estava sentindo, também não pude deixar de manifestar a todos minha crença em que a vida não termina com a morte, concluímos com a cerimônia de morte em um clima de Paz e tranquilidade, estava um dia ensolarado de céu azul e um vento muito agradável.

“... A Luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas-de-mil-cores descem entre melodias irreconhecíveis para os planaltos e as campinas cristalinas.”

“Não temas a pressão da Luz que te afasta de seu centro cada vez mais fortemente. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela, certamente, está a vida.”

“Quando na grande cadeia montanhosa encontrares a cidade escondida, debes conhecer a entrada. Mas isto saberá no momento em que tua vida seja transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão “sentidas”. *

Francisco Morato/São Paulo, 31 de Agosto de 2011.

Comentário:

Uma renovação, um novo sentido...

Decido partir em direção à minha cidade e após uma longa jornada, chego em casa comprovando que tudo está acomodado do mesmo modo que deixei ao sair, por alguns instantes experimento um novo olhar sobre as velhas coisas, mesmo após anos de vivência no interior desse espaço seu desenho foi renovado em minha memória e assim, entro em minha velha casa e observo-a como se fosse um espaço novo, reconheço os objetos, os móveis e registro tudo de um modo novo até que o cotidiano volte a atualizar a paisagem.

Assim, me sinto como quem regressa à sua cidade após um longo período afastado de casa...

Após um longo período em que estive afastado das pessoas e de mim encontrei um caminho pelo qual agora regresso, a cada passo que dou nessa direção novos horizontes se abrem ampliando a paisagem diante dos meus olhos, como se fosse um espaço novo a ser percorrido pela primeira vez. Mesmo após anos de vivência em seu interior conhecia-o tão pouco, seu desenho agora segue renovado em minha memória, em minha gratidão.

Às vezes tenho rompido meus devaneios e visto a realidade de um modo novo, mais calmo e alegre, tenho observado as velhas coisas desde um novo olhar, um olhar profundo que transcende o cotidiano e está além da estéril introspecção, um olhar que tem me aproximado às pessoas e a mim mesmo reconciliando-nos e abrindo o Futuro. Um Olhar Interior.

*Trechos do capítulo XIV – O guia do camino interno, do livro A Mensagem de Silo

III - Ana Lúcia Souto Aranda

País: Brasil

Por que o ressentimento?

"Eu me resenti,

... tu te ressentistes,

nos ressentimos.

Eu não te compreendi,

...tu não me compreendestes.

Eu te feri, tu me feristes

e nos ferimos a nós mesmos.

Mas hoje quero meu tempo de amar,

reconhecendo o melhor de mim,

partilhando esse Amor autêntico,

livre e humana, verdadeiramente.

Quero esse tempo de avançar sem resistências

no caminho do Sentido, emergir na Luz,

sem mais nós na garganta, lançar meu Espírito

em plenitude e leveza.

Quero hoje o tempo da Alegria,

a Esperança no Caminho,

diante de meus olhos, à minha espera"

Testemunho:

Amigos, pensava nas histórias, nesse tema e em quantas reconciliações fiz ao longo de minha vida sem entender como entendo hoje o que é...

A mais significativa aconteceu entre eu e minha mãe, embora eu sempre tivesse vínculos muito fortes com os meus pais de afeto.

O afastamento aconteceu depois da minha primeira gravidez, que culminou em um parto difícil. Depois da gestação normal, o bebê faleceu após dez minutos com muito sofrimento, sem uma causa que justificasse o que aconteceu e que desconheço até hoje. Já se passaram 13 anos. Isso era só o começo, já que eu eu enfrentaria nas próximas horas uma intensa hemorragia que me custaria a princípio o útero e a vida, se eu não reagisse. Felizmente reagi, mas depois vieram então todas as dificuldades burocráticas para consumir o sepultamento, que levou mais tempo do que o normal e esperado. Enfim foi um período muito doloroso. Saí do hospital para isso, sem condições físicas, mas não consegui presenciar nada. Todos os meus familiares estavam abalados, cada qual na sua dor e eu me agarrava neles.

Minha mãe, estranhamente para mim, permaneceu longe, não recebi visitas, queria isolamento total e absoluto, me recusei a ver qualquer pessoa, exceto meu pai. Passei longos meses com sérios problemas físicos e psicológicos, que levaram muito tempo para se resolver definitivamente. E passei também muito tempo longe de minha mãe, sentindo uma intensa amargura, acusando-a de abandono, egoísmo, desamor, fazendo meus próprios julgamentos...

Aos poucos fomos nos reaproximando, mas numa relação mais fria, nós que sempre fomos amigas, cúmplices, a partir de então tínhamos sempre esse vazio entre nós.

Novamente engravidei, veio o André, depois o Renato, mudanças profundas, uma faculdade e um bebê de doze dias, outra criança pequena, tudo louco...

E comecei a me sentir diferente em relação a ela, passava meses sem visitá-la, sem telefonar sequer e de repente uma saudade, uma vontade insuportável de vê-la, sentir o cheiro dela, das comidas preferidas que ela preparava... Mas eu nunca tinha tempo, estava envolvida demais com minha vida, meus estudos, os meninos, o trabalho...

Comecei a largar tudo..."fugia", duas, três vezes por semana da faculdade, desviava o caminho e chegava lá de surpresa na casa dos meus pais, abraçava longamente minha mãe, chorava muitas vezes no colo e ela ficava quieta, sem fazer perguntas. Era pouco

tempo que eu ficava ali, voltava correndo para a faculdade e dentro do ônibus eu sempre chorava, sentindo algo que não sabia definir, hoje sei que me despedia dela aos poucos, sem imaginar o que vinha se delineando...

Em uma dessas visitas, conversamos afinal sobre o que aconteceu. Ela apenas me disse que respeitou meu recolhimento, minha revolta, minha dor mas que nunca deixou de estar comigo.

Exatamente um mês depois ela adoeceu gravemente dos rins, falecendo cinco meses depois, por inúmeras complicações de saúde.

Conheci a Mensagem de Silo muitos anos depois e entendi então uma porção de coisas, dentro do meu coração. Ainda sinto o cheiro do café que ela fazia correndo para eu não sair sem comer... Partilho esse entendimento com carinho, com saudade

IV – Cristiane Prudenciano (testemunho e comentários)

País: Brasil

*“A dor e o sofrimento que nós, seres humanos, experimentamos retrocederão se avançar o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e da opressão.” **

Da infância a adolescência, morei em vários lugares, mudando de estado, cidades e até país (**). Essa era a vida da minha família, composta por meus pais e minha irmã. Uma vida cigana. O motivo era a idéia fixa dos meus pais em fazer riqueza e prosperar rapidamente. Como a corrida ao Eldorado. Eles foram sempre comerciantes destemidos, ousados e trabalhadores que buscavam de todas as maneiras concretizarem tal fixação.

O processo de ascensão e queda era cíclico, após o início difícil de um negócio em uma cidade, a situação se estabilizava, logo após eles arriscavam, o comércio aparentemente prosperava, porém as dívidas apareciam e cresciam. Pouco depois o negócio fechava e íamos para outra cidade, recomeçar tudo outra vez.

Como transfundo dessa obsessão dos meus pais estava o desejo genuíno de estabilidade econômica e a garantia de tranquilidade para família.

No entanto durante anos, devido a tantas mudanças baseadas em uma prioridade voltada ao trabalho e ao ganho do dinheiro, foi se criando um abismo de comunicação entre nós.

“Queremos dar coerência a nossas vidas fazendo coincidir o que pensamos, sentimos e fazemos. Desejamos superar a má consciência reconhecendo nossos fracassos”.

Na tentativa de aproximação com meus pais, trabalhei com eles durante anos, acreditando que para ser reconhecida, aceita e querida por eles tinha que corresponder a seu estilo de vida. Mediante a essa atitude acabei gerando situações complicadas, dívidas, processos, penhoras e sentimentos contraditórios.

Um grande ressentimento surgiu e passei a tratá-los com grande indiferença. Já morava longe deles e falávamos muito pouco. Culpavá-os de todos meus problemas. Depois

veio o momento do perdão, onde ainda assim eu me achava superior a eles... e muito depois veio o processo da reconciliação...

“O bom conhecimento leva também, a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.”

Aprendi a sorrir amplamente com minha mãe, ela é bem humorada e alegre. Sempre foi falante e popular com amigos e familiares. Também vem dela a vontade de servir a outros, perguntar se outra pessoa está bem. Ficar sempre a disposição para quem pede ajuda. Através de seu olhar comecei a perceber o sofrimento das pessoas e a praticar a generosidade. Ela me ensinou desde cedo a ser responsável, ética, honesta. A permanência, persistência e fé no futuro nasceram, cresceram e se aprofundaram através de seus ensinamentos de que o amanhã será melhor que o ontem.

De meu pai herdei a ousadia, os sonhos impossíveis que se tornam realidade, a capacidade de adaptação, a força e a criatividade. Esse dom de ser como fênix e recomeçar das cinzas, de se lançar sem medo na tentativa de ser feliz. Foi com ele que comecei a gostar de política, futebol, cinema e despertei o desejo de viajar e conhecer outros lugares do Brasil e do mundo.

Essas características que estão em mim, foram elementos sagrados que me guiaram nos momentos da angústia, do temor e da solidão.

“O bom conhecimento leva à justiça. O bom reconhecimento leva a reconciliação”.

É impressionante perceber que esse casal que passou por tantas situações difíceis, recomeçando muitas vezes do nada, pôde expressar tantos ensinamentos valiosos em meio da instabilidade de uma vida de altos e baixos.

Um casal composto por uma mulher alegre, nascida no interior do estado da Bahia, descendente de africanos e portugueses, regida pelo signo de peixes e um homem obstinado e virginiano, filho de uma espanhola e um italiano, nascido no interior do

Estado de São Paulo. Ambos vindos de famílias desestruturadas, com histórias semelhantes, imersos em uma sociedade que valoriza o ter, mas que o ser, acreditando nesses valores para serem realmente reconhecidos.

Foi depois de meditar em profundidade sobre meus pais, desde onde vieram, seus devaneios profundos, suas virtudes, medos, alegrias, tristezas que me aproximei humanamente e passo a passo me abri ao processo de reconciliação com eles.

“Começaremos uma vida nova. Buscaremos em nosso interior os signos do sagrado e levaremos a outros nossa mensagem.”

Nossos pais são a primeira referência de mundo que temos, através deles que nos guiamos e nos espelhamos, porém eles são o que são. Nem sempre nos dão a resposta que queremos ouvir. São seres humanos com virtudes e contradições como todos os demais.

Outro dia minha mãe, num almoço de família, falou dos arrependimentos da vida... Seu clima era de tristeza, acompanhado pelo olhar atento, porém melancólico de meu pai. Em um desses raros momentos de aproximação profunda, consegui lhe dizer: “Mãe, você fez o melhor que podia fazer e às vezes na vida é preciso aprender perdoar-se reconciliar consigo mesmo, para seguir vivendo com mais leveza e alegria.”

Reconciliar-se com alguém é a oportunidade de abrir-se ao futuro novamente.

*Trechos da Cerimônia de Reconhecimento – A Mensagem de Silo (na sequência sempre com grafia diferente)

**Nome de meus pais: Ivanice Pereira de Souza (mãe) e Orivaldo Prudenciano de Souza (pai)

- Tempo de trabalho com meus pais, entre indas e vindas: de 1989 a 2005.

- Período crítico de afastamento: 2005 a 2008.

- Cidades que tive a oportunidade de conhecer vivendo com meus pais (1980 - 1991):

São Paulo/ SP, Guarulhos/SP, São José do Rio Preto/SP, Poços de Caldas/MG, Guaxupé/MG, Mirassol D'Oeste/MS, Campo Grande/MS, Cuiabá/MT, Foz do Iguaçu/PR, Porto Franco/ Paraguai, Ciudad del Leste/ Paraguai

V - Maroly Penteado (testemunho)

País: Brasil

Reconciliação com minha Mãe

Ah....Dona Prazeres, era o nome de minha mãe. Portuguesa, chegou ao Brasil com 10 anos em um navio (posso imaginar as condições) com sua mãe (minha avó) que saiu de Portugal amargurada e ressentida por ter sido abandonada pelo marido que partiu para o Novo Mundo fugindo das dificuldades da Europa pós guerra. Minha avó abandonou em Portugal sua terra, sua casa e segundo contava, acomodou roupas, lençóis e toalhas nas gavetas porque pensava em voltar tão logo resgatasse o marido fugido. Estamos falando de 1932.

Quando chegou aqui, com seus 3 filhos, não imagino como, mas minha avó reencontrou o marido que tinha até trocado de nome e que, fazendo valer a “lenda”, adorava uma bela mulata.

Minha avó nunca mais pode voltar a Portugal e carregou esse ressentimento a vida toda, o que fez dela uma mulher amarga, desconfiada, ressentida. Dedicou o restante de sua vida a vigiar o marido e as mulatas.

Minha mãe teve 3 filhos e, talvez por compensação, se fez uma mulher amável, super dedicada aos filhos. Dessas dedicações que incluem o sacrifício de si mesma o que não facilitou nossa aproximação.

Conto isso tudo para dar um contexto de como fomos construindo um abismo em nossa comunicação. Não tínhamos grandes atritos explícitos, mas também não nos comunicávamos porque a crítica estava sempre implícita, já que eu não correspondia às expectativas gestadas em uma vida de “enormes sacrifícios” para que fosse “bem sucedida” e, portanto, “feliz”.

Tudo isso culminou com meu casamento com um artista plástico mal resolvido economicamente e com o fato de ter filhos nessa situação econômica instável.

Foi oficializada “minha infelicidade” e portanto a guerra!

As críticas eram cruéis de ambos os lados. Por seu lado, ela não deixava de fazer seus “sacrifícios” e cobrá-los e eu os aceitava com uma carga imensa de contradição. Uma receita explosiva.

Foi o que aconteceu um dia, quando fui a sua casa aceitar "o que nos oferecia" enquanto ouvia uma torrente de críticas .

Eu estava sentada em uma mesa de cozinha, minha mãe no fogão fazendo suas delicias para que eu levasse para meus filhos, com uma carga imensa de tristeza e frustração que ela transformava em palavras duras. Ela criticava, acusava, ironizava e minha raiva ia crescendo.

Quando estava a ponto de estourar (me lembro de ter tido o impulso de quebrar os pratos) algo aconteceu. Foi um desses momentos que de repente fica tudo diferente, como se estivéssemos acordando de um sonho... e ao olhar para o lado do fogão, vi só uma velha senhora resmungona que me queria muito bem e expressava isso da única forma que sabia. Era a forma que ela havia aprendido, a única que sabia.

Senti uma imensa compaixão e carinho por essa senhora que não desistia de tentar mostrar “o que era melhor” para mim.

Pedi então que se sentasse e fechasse os olhos. Não sei se foi surpreendida com uma resposta que não esperava (o esperado era a argumentação aos gritos), ela parou, se sentou e fechou os olhos. Aí então a surpresa foi minha! Estávamos as duas caminhando como por um fio muito delicado e nenhuma compreendia muito bem o que estava acontecendo.

Comecei a guiar um relaxamento e chegamos à experiência de Paz...

Era insólito, inimaginável há poucos minutos atrás. Nunca tínhamos nos aproximado. Nunca um abraço, um beijo...nenhuma proximidade e de repente vibrávamos juntas em uma esfera transparente e luminosa...

Quando terminou a experiência, depois de poucos segundos, ela se levantou rápido e com ares da “resmungona” e um semi sorriso escondido comentou:

“Quanta bobagem!!! Essas bobagens não vão te dar de comer!!!”

Tive que segurar uma boa, grande e grata gargalhada e muito séria respondi: “não sou a primeira e espero ser a ultima das mulheres que dão algumas voltas para aprender, mas não se preocupe, tenho certeza que nasci para ser feliz. Pode ficar tranquila que vou aprender”!

E nunca mais pude brigar com minha mãe. Além de começar a perceber nela um lado bem humorado e alegre que nunca tinha visto antes, mergulhada como eu também estava nas críticas e nos ressentimentos.

Pouco tempo depois, ela se enfermou. No hospital fazíamos a “Protetora da vida” (*) e estávamos tranquilas juntas. Logo morreu aos 67 anos. E nunca mais pude deixar de sorrir quando me lembro da boa, alegre e resmungona Dona Prazeres. E quando nos juntamos com meus filhos, nunca faltam, os comentários sobre os deliciosos bolos e gostosuras da vovó.

Hoje sou eu, aos 60 anos, que tenho que estar atenta para não estar dizendo aos meus filhos e netos o que “é melhor para eles”... (risos)

Essa é uma das Grandes Alegrias da vida que agradeço.

*Livro Experiências guiadas, de Silo – ver www.silo.net

VI - Juana Pérez (testemunho)

País: Espanha

Papai, obrigado por ter me ajudado a sentir compaixão pelo sofrimento alheio! *

Nasci fruto de uma forte intenção que vinha de longe e um grande amor que venceu temores, baseados na ameaça que pesava sobre a sobrevivência de minha mãe e a minha própria. Este fato marcou a relação com meu pai. Meu nascimento foi associado à superação da enfermidade de minha mãe, o que fez que fosse uma criança adorada, me fez sentir a predileta... até o dia em que deixei de compensar seus devaneios.

Tinha tantas esperanças colocadas em mim que, quando decidi abandonar o caminho do dinheiro e o êxito, passei a ser seu maior fracasso.

Sua infância e juventude estiveram marcadas pela prematura morte de sua mãe, o maltrato do pai e a perda de uma situação afetiva e material privilegiadas. Meu pai nunca superou isto; sempre lhe acompanhou um clima de injustiça e isto o levou ao ressentimento e a desenvolver um 'carater' difícil e violento em alguns períodos. Ao mesmo tempo, foi um homem lúcido intelectualmente, que bloqueou suas emoções para não sentir mais dor e que se dedicou a trabalhar pela justiça social. Este aspecto mostrou caminhos a boa parte de meus irmãos e a minha mesma. Em síntese, foi um homem comprometido socialmente e atormentado em sua vida privada.

Dizia que quando viu que não compensaria suas carências, me converti no espelho de suas 'perdas' e a partir daí em objeto de críticas, degradações e reclamações. De modo mais ou menos virulento, esta relação se manteve até alguns dias antes de sua partida. De minha parte, durante muitos anos me relacionei com ele com base a um grande respeito pese ao maltrato, até que um dia rompi com o pânico que me produzia seu comportamento violento, perdi o respeito também e comecei a responder-lhe, o que agravou a situação.

Certamente, tenho a crença de que desenvolvemos determinadas enfermidades e não outras em função de certos 'climas psicológicos' que nos acompanham como tecidos de

nosso corpo. Meu pai ‘fazia sangue mau’ por uodo, o que o levou – desde minha pessoal interpretação - a desenvolver uma enfermidade pela qual seu sangue ‘nascia mal’, morto, o que foi intoxicando seu corpo até enlouquecê-lo. Faleceu acreditando que havia sido sequestrado e que nós – sua família - não fazíamos nada para liberá-lo. Esta última etapa durou duas semanas. Neste período, mesmo que os médicos considerassem que não estava em uma situação grave, seus filhos soubemos que havia decidido partir e ele foi fazendo um trabalho de reconciliação e despedida de toda sua família e amigos. Creio que se foi tranquilo.

De minha parte e mesmo com a relação difícil com ele, durante os últimos meses de sua vida e especialmente nesses últimos quinze dias me coloquei em disponibilidade para lhe ajudar. Fui trabalhando com ele fazendo pedidos, com a força, tomando-lhe a mão... Ele me olhava e se deixava e pouco a pouco foi se sentindo mais tranquilo.

Duas noites antes de partir começou a chamar a sua mãe, que havia falecido quando ele tinha catorze anos. Compreendi que estávamos na reta final. Tinha muito claro que estaria com ele para lhe ajudar a partir. No último dia foi sedado para que deixasse de sentir dor. Antes de sedá-lo, lhe fiz uma Cerimônia de Assistência**. Horas mais tarde, escutando essa respiração angustiada característica de alguns moribundos e a sós com ele, me ocorreu fazer um pedido. Estava sentada na cabeceira de sua cama e sua mão direita entre as minhas, então, com os olhos fechados pedi, pedi para que partisse e deixasse de sofrer... ‘Apareceram’, nesse momento, aos pés da cama meu Guia Interno*** e alguém muito querido que havia ‘partido’ alguns anos antes na mesma data. Pedi a eles que lhe ajudassem a partir e lhe acompanhassem em sua viagem. Nesse instante, seu coração parou e compreendi por um segundo que a morte não existe, que um músculo não pode deter a Vida e que tudo tem Sentido.

Hoje sei que com esse pedido meu pai estava se despedindo de mim. A conexão era tão forte que, mesmo seu estado de comato, podíamos nos comunicar em outro nível. O pedido como dizia foi a tradução de minha consciência desse adeus de meu pai. Então e agora agradeço profundamente que me desse a oportunidade de estar até o último momento com ele e que me permitisse lhe ajudar a partir.

Depois fiz outra Cerimônia de Assistência, uma Cerimônia de Morte*** para todos os presentes... e tudo foi bem, mas eu sentia que algo estava sem resolver, algo que não podia encaixar nesse momento e que deixava pendente intencionalmente.

Anos depois, durante uma meditação, uma manhã senti que não poderia desenvolver o trabalho previsto e uma espécie de certeza interna me levou a descer ao 'fogo sagrado'. Fui percorrendo meu mundo interno e, subitamente, desde baixo me invadiu uma espécie de espiral luminosa, que ascendendo levava tudo o que encontrava em sua passagem até 'sair' pela parte alta de minha cabeça se expandindo para cima. A luz tingiu todo meu mundo interno e mais além... Fiquei em silêncio por um tempo e compreendi que havia acontecido um 'milagre'. Senti-me reconciliada, em paz, liberada e soube que nunca mais sentiria reclamações para meu pai.

Semanas depois, me dispus a fazer um pedido pela mãe de uma amiga. Sem buscá-lo de novo, mas deixando-me levar, se deu uma inspiradora experiência. Esclareço que –desde há algum tempo - quando faço pedidos a meu Guia Interno sempre termino pedindo para que essa pessoa conecte com o Sentido Profundo de sua vida, creio que é o melhor que posso pedir pelos demais e por mim.

Isto aconteceu nesta ocasião, comecei a agradecer e a pedir. De imediato, 'vi' uma espécie de jogo ou máquina de parque de diversão circular esbranquiçada, na qual se encontravam sentadas muitas pessoas entre as que estavam a mãe de minha amiga e minha amiga; todas elas também brancas e com os olhos fechados em atitude meditativa. De imediato, uma levantou a cabeça e me olhou... era meu pai, estava alegre e em paz. A experiência continuou. A nave luminosa subiu e chegou no cume de uma montanha, da qual nascia uma luz sem fim, era 'a Fonte da Vida'... a nave e todos seus habitantes se iluminaram esplendorosamente e se transformaram tomados da mão em uma espécie de 'rede' de paraquedistas que ia crescendo até rodear e iluminar todo o planeta, este se transformou assim mesmo em uma nave brilhante que em uma viagem espiral ia tocando outros mundos iluminando-os... e assim seguindo até os sem fins do universo, deixando a sua passagem uma estela refulgente.

Desde então, em determinados tipos de experiências ou meditações, podemos dizer, meu pai me aparece como um ser luminoso nas partes altas do espaço de representação.

A complicada relação com meu pai e a posterior reconciliação com ele me permitiram aprofundar na compreensão de vários temas: que tudo o que fazemos ou deixamos de fazer nos afeta e afeta a todos e tudo o que nos rodeia em uma dinâmica sem fim, por isso a necessidade vital de meditar acerca de nossas ações e a direção das mesmas; que nascemos e vivemos condicionados por um meio e circunstâncias que não elegemos, mas que podemos optar entre nos deixar levar pelo ressentimento, a vingança, a possessão... ou nos reconciliar e liberar do sofrimento, apoiando-nos na intenção com a qual somos dotados. Por outro lado, tudo isso me levou a agradecer. Hoje agradeço toda minha biografia, agradeço a meu pai por nos mostrar certos caminhos e sinto compaixão por ele porque não soube desemaranhar-se de tanto sofrimento...

E finalmente, posso dizer que vivenciei como a reconciliação cura e libera.

*Bienvenido Pérez (pai)

** Cerimônias de A Mensagem de Silo*** Quando falamos de Guia Interno, estamos falando de uma figura, um modelo interior que guia nossa ação no mundo e que tem três características: força, sabedoria e bondade. Ver Humanizar a Terra - cap. XVII na segunda parte – A Paisagem Humana.

VII - Blanca Alicia Leal

País: Argentina

Relato 1:

‘O pai* de meu filho (estamos separados há 23 años) esteve internado seis meses este ano. Muito delicado seu estado, sofreu muito.

Quando o conheci ambos éramos muito jovens, fazíamos teatro e estudávamos Psicología Social. Destacavam-se nele seu humor, sua forma de se aproximar das pessoas, como reunia as pessoas a seu redor, sua calidez, e sua alegria.

Quando nosso filho** tinha 3 anos nos separamos. Em seguida casei de novo. Nunca pude voltar a conversar com ele... o notei muito distante e nos afastamos mutuamente tanto, tanto que nos tornamos estranhos.

Em maio de 2011, avisaram-nos de urgência de sua internação, de uma cruel cirurgia e possibilidade de outras. Meu filho viajou para cuidar de seu pai. Deixou a sua namorada em Montevideu, e instalou-se um pouco em casa, um pouco com amigos, um pouco com a avó... Esta situação, claro que foi complicada para ele e para sua companheira.

Ele já havia visto a gravidade da situação do pai faz dois anos, e havia feito vários intentos para que recuperasse a vontade de viver, criar, querer...

Quando isto aconteceu, ficou ao lado de seu pai, sabendo que fazia anos que não podia falar com ele, chegar a seu coração...

Como crente e mensageira desta Mensagem que faz feliz e livre ao ser humano, pedi com todas minhas forças pela reconciliação profunda de ambos consigo mesmos e um com o outro. Pedimos também o Melhor para o pai de meu filho. Confiando que o Melhor é definido por Aquilo que move tudo para o Amor.

Muitos amigos nos acompanharam, comovidos, nestes pedidos. Sua irmã também viajou para cuidar dele, já que ademais, as cirurgias que sofreu o irmão, tiravam-lhe capacidades de autonomia motriz.

Uma mulher de uma integridade enorme. Foi retomando também esse vínculo que haviam perdido... e que não sabia se poderia recuperar... ou recriar.

A mãe dele que tem quase 90 anos e seus sobrinhos, seguiram muito de perto todo o processo, mas estavam a mil quilômetros de distância.

Para descrever a mudança positiva que se produziu, basta dizer que no Hospital onde estive internado, chamaram-no desde o primeiro momento de Carlos, que se bem é seu primeiro nome, ninguém o chamou assim nunca. Isto me pareceu significativo pelo que aconteceu com ele.

Quando no outro dia fui vê-lo, depois de vários dias de não poder ir, vi a Carlos. Não vi mais o outro homem.

Todos que o conheciam, sentiram o mesmo. A força da Vida tem ajudado a se sobrepor do tremendamente doloroso que vem sofrendo. É um exemplo de vida. Dá alegria e uma palavra de alento a todo o mundo.

Renasceu. Todos o amam muito ali, apenas sabem que há algum de nós que vamos, vem nos saudar e nos contar coisas de suas vidas, de suas famílias...e não deixam de dizer que o amor que Carlos recebeu é o que o salvou internamente.

A relação de ambos, pai e filho cresceu e se aprofundou a tal ponto, que Carlos se abriu e pôde expressar temas pendentes a seu filho e uma por uma foi reconhecendo toda a beleza que há e houve sempre ao redor...recuperando a própria beleza de sua alma.

Tenho agradecido que foi ele quem me levou ao siloísmo.

Ele, que nunca quis participar, tinha um livro, sinais em sua casa - quando o conheci - para que eu seguisse o caminhozinho do Pequeno Polegar e as migalhinhas de pão, para que quem busque, possa encontrar...

Agradei a ele pelo filho que trouxemos ao mundo e que hoje, um homem, nos ensina um novo afeto e uma nova compreensão. Senti-o um grande amigo. Um amigo de verdade.

A esse hospital, uma tarde cheguei a ver ao pai de meu filho, mas me recebeu Carlos. Um homem sensível e sábio que observava sua própria situação, seu fracasso nas expectativas de fugir de toda a dor e o sofrimento... e me mostrava os novos e profundos vínculos que havia feito nesse lugar, dando alegria e afeto.

No dia que saiu de alta, acompanhado por esse filho que é um sol... e por seus amigos da vida, o hospital inteiro veio se despedir... com lágrimas e abraços. Os vínculos mais importantes de sua vida ali estavam.

Os outros, talvez os mais relevantes e profundos, não se vêem porque são vínculos internos com a bondade de seu próprio coração.

Sentimos que a Reconciliação Profunda é o fio dourado que une e leva em vôo ascendente para o Amor e a Compaixão.

É nossa certeza que irradiaremos crecentemente esse Amor e essa Compaixão que cura e eleva a alma, que desperta ao Real e é alegria e esperança.

E que logo contemplaremos a aurora de um novo dia, sabendo que existimos porque o outro existe.

*Carlos G. Brown

**Pablo Brown

Relato 2

Alguns conhecem a Alba, minha mãe. Nestes anos, Alba foi soltando muitos temas e não falta às reuniões, imprimindo muito entusiasmo e aproximando A Mensagem de Silo a todo aquele que pode.

Faz 25 anos que seu grande amor, meu pai, partiu repentinamente por um derrame cerebral. Ela não havia se reconciliado com um fato vivido como que ele a traiu e sua partida lhe gerou contradição. Nunca pôde perdoá-lo, dizia e não acreditava que fosse possível.

Contudo, foi se aproximando em nossos pedidos, com a Cerimônia de Bem Estar*, a esse ser querido em outro tempo e outro espaço.

O que foi dito por Silo em Punta de Vacas** (Ver anexo Jornadas) a chocou fortemente. Tanto, que não deixa de distribuir os folhetos que fizemos com o texto e está permanentemente relendo aquelas recomendações dadas pelo Mestre.

Vimos sentindo sintonia crescente em nossas reuniões. Em um seminário sobre a reconciliação, também nos deixou a todos com algumas interessantes descobertas sobre o tema como experiência espiritual profunda.

É assim que Alba chegou na reunião seguinte "com outra cara". Irradiava plenitude. Ela nos relatou o vivido, mas irrompeu um pranto muito profundo enquanto relatava, mas continuou contando.

Essa emoção contagiou àqueles que estávamos com ela, de maneira instantânea (mais porque não havíamos visto à Alba chorar mais que duas vezes, disse sempre que lhe custava). Contou que uma canção, "Veneza sem ti", de Charles Aznavour, escutada na rádio ("que profunda emoção... recordar o ontem... quando toda Veneza me falava de ti..." diz a significativa letra), a transportou a uma cena de anos atrás.

Disse que meu irmão e eu estávamos na escola primária e ela viu chegar a meu pai apressado para se encontrar com ela e almoçar juntos escutando uma novela romântica que eles gostavam.

E meu pai em seguida a abraçou dizendo: Quem se ama como nós nos amamos?

Ela coloca ênfase em que não imaginou, mas sim que reviveu essa cena totalmente esquecida. E que cada vez que a recorda volta a ir ali. A maravilha de que ela havia esquecido aquilo, que irrompeu de repente e veio a reconciliar!

Meu pai realmente a amava muito e agora ela passeava a reconciliação pela memória e a pele da monstruosidade se desvanecia, dando passagem ao mais humano "nós".

Alba afirma que é como diz Silo, um dia o sinal chega, se cada um faz o que recomenda A Mensagem, se cada um trata de superar as contradições e reflete e tem ao Guia Interno*** presente.

*Cerimônia presente no livro A Mensagem de Silo

**Atual Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas, localizado na província de Mendoza, na fronteira da Argentina com o Chile, onde Silo proferiu sua primeira palestra pública, A cura do sofrimento, em 4 de maio de 1969.

***Ver nota página 29

VIII – Delphine Joly

País: França

Meu nome é Delphine, vivo no sul da França. Venho de uma família de três irmãos, eu sou a mais nova. Nos primeiros quatro anos de minha vida tive, por assim dizer, uma relação fusional com meu pai. Depois, com o passar dos anos ele foi se distanciando de nossa relação cada vez mais, talvez me considerava “caprichosa”. Foi se tornando mais autoritário, um pouco mais violento.

Não podia lhe falar e me sentir em confiança. Tinha medo. Qualquer coisa era um pretexto para me opor e fugir dele.

Aos 13 anos, descobri minha homossexualidade e ele não a aceitou. Julgamento e rechaço de sua parte... O fosso entre nós aumentou ainda mais. Não podíamos nos compreender e ele não me aceitava como era.

Em 1991, encontrei aos humanistas*, aí me veio a ideia de lhe escrever uma carta de amor. Ele se comoveu, eu soube por minha mãe mas ele nunca me disse nada.

Nessa época, sonhava muito com ele, sonhos conflituos que me impediam avançar. Esta relação me jogava para baixo, não podia mais, necessitava resolver profundamente esse conflito.

O olhar negativo que ele tinha de mim me perseguia continuamente. Disso não podia me liberar nem sabia tampouco como transformá-lo.

Como fazer para configurar outra imagem dele? Parecia impossível para mim afrontá-lo, falar-lhe, tinha todavia muito medo.

Em 2005 quando devia ir ao Haiti para uma missão humanitária, tive um sonho muito simbólico.

Estou parada em uma planície, então subo ao céu, mas meu pai não pode, então pego sua mão e o elevo.

Punta de Vacas** 2010: não sei porquê mas devo absolutamente ir, junto dinheiro e compro minha passagem de avião.

Alguns dias antes de me ir, passo o Natal com minha família. Vou a meu padre para lhe falar, ele está no computador e me diz simplesmente que está ocupado. Tomo outra vez isto como um rechaço e choro.

Vou a Punta. Nunca havia visto a Silo, meu pai espiritual... É muito importante para mim, necessito vê-lo assim como necessitava absolutamente ver meu pai e lhe falar.

Apoiado em um carro, sozinho, ele está refletindo, parece preocupado. Alguns humanistas estão parados a dois ou três metros dele.

Não me importo, me dirijo a ele, forçando, admito, a passagem.

Recordo haver lhe perguntado se tinha um momento para dedicar uma conversa. Respondeu-me com força e de forma contundente Não, não é o momento! O cenário já conhecido. Vou abatida, triste e admito, muito desiludida.

Encontro-me em seguida em uma sala repleta de humanistas sentados no chão. Sento-me ali, ao lado de uma mulher argentina, Blanca, a quem lhe confio minha história.

É graças a ela que compreendo que o que veio a acontecer com Silo não foi mais que uma repetição do que vivo com meu pai e que nada é casual. Silo é uma transferência e que devo buscar a compreensão de algo. Pressinto já que esta história vai me ajudar depois para uma reconciliação futura.

Este cenário vivido duas vezes em um período muito curto provocou em mim um choque muito forte. Alentada por meus amigos chilenos, decidi escrever a Silo para dar o testemunho de minha tristeza e de meu desassossego. Ele se desculpa e me explica que ele não me rechaçou, apenas estava ocupado. Termina sua carta com um forte e caloroso abraço.

Então esse rechaço não era tal! Esse mal-entendido me fez subitamente compreender muitas coisas sobre a relação com meu pai e, a partir desta história, a imagem que tenho dele mudou totalmente.

Sinto-me próxima dele. Agora nos falamos. Não tenho medo de seu olhar. Tenho mais compreensão e respeito por ele. Com o tempo, foi se convertendo em um pai mais terno e mais afetuoso. De minha parte, tenho vontade de amá-lo e em meus sonhos aparece como protetor e carinhoso. Não, não compreendo tudo, mas sei agora porque queria tanto ir a Punta de Vacas. Silo, desde o fundo de meu coração, te agradeço.

*Movimento Humanista, organização social que se baseia em ideias e princípios do Novo Humanismo formulados por Silo

**Atual Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas

IX - Alexandre Sammogini (testemunho)

País: Brasil

Uma das experiências mais importantes e transcendentas de minha vida foi a reconciliação com meu pai, Cláudio. Passei parte da infância e toda a adolescência sem contato nenhum com ele. Foram cerca de 10 anos de afastamento, que começou em 1982 com a separação de meus pais, e durou até alguns meses após o falecimento de minha mãe, Rosa, que partiu perto no final de 1991. O reencontro com meu pai foi um momento decisivo, mas a reconciliação profunda, viria ainda muito tempo depois, quase uma década após a reaproximação.

Descobri que esse registro de reconciliação é algo que me comove e que me impulsiona a transmitir a outros, por isso, gostaria de testemunhar as compreensões dessa experiência. Como foi algo muito liberador para mim, sinto a necessidade de transmitir a outros. Tomara que possam se motivar para buscar a reconciliação com seus pais. Também transmito a experiência como forma de agradecimento aos ensinamentos e conselhos pessoais de Silo, a quem considero um guia com quem tive a oportunidade de conviver. Hoje trabalho para irradiar sua Mensagem.

Quando minha mãe partiu prematuramente, devido a um problema de saúde inesperado (Acidente Vascular Cerebral), eu e meus irmãos ficamos em uma situação difícil. Tinha 18 anos e tinha que cuidar dos dois menores, minha irmã, com 10 anos e meu irmão, com 9 anos. Meu pai estava distante, sem contato há vários anos. O principal apoio veio de meus tios da família materna, sobretudo no aspecto financeiro, mas a situação era de grande desorientação. Então, tive a chance de conversar com Silo em um evento no Rio de Janeiro, no começo de 1992.

Incentivado por uma amiga, a Beatriz Aguirre, fui pedir conselhos para ele. Confesso que tinha resistências. O que um homem que não me conhecia poderia me falar? Além disso, tinham as barreiras culturais e de idioma. Nada disso atrapalhou. Ele ouviu minha história e minha situação e falou de forma muito clara e simples. Disse algo assim: "em um mundo cada vez mais desestruturado, a única coisa que podemos nos apoiar é nas relações verdadeiras. Então, seria importante buscar ajuda com os amigos, familiares, e também retomar contato com seu pai", disse.

Tudo que disse era muito simples e até óbvio, mas a última parte me incomodou. Como poderia retomar o vínculo paterno algo que minha mãe não tinha feito em vida? Acredito que já prevendo minha resistência em procurar meu pai, Silo completou: "você não tem responsabilidade entre o que aconteceu entre seu pai e sua mãe".

De fato, não procurei meu pai, porém, uma oportunidade do "destino" nos colocou novamente em contato. O juiz marcou um encontro em uma vara de família. Lá fui eu no dia do encontro, cheio de receio, para reencontrar meu pai.

O medo vinha das lembranças de suas dificuldades do passado. Ele tinha um sério desequilíbrio que o levava frequentemente à violência. O último episódio que fiquei sabendo, logo após a separação de meus pais, era que ele tinha encontrado e agredido uma tia, que ficou bastante ferida. Meu pai foi até processado pela agressão. Vinham lembranças de violências físicas contra amigos, familiares e até contra minha mãe.

Mas tomei coragem e finalmente fui ao encontro com meu pai. Nos dias seguintes, marcamos conversas, fomos primeiro a uma pizzaria. Ele foi com sua esposa, Sandra, uma pessoa muito especial e bondosa. Depois fui visitá-lo em sua casa. Logo estaria morando novamente com ele. Era muito bom conversar com ele e retomar grande parte de minha história. Pude resgatar e entender diversos aspectos de minha formação e do passado de minha família. Era como desatar vários nós que estavam me atrapalhando, tudo começava a fazer sentido.

Meu pai também começou a ajudar financeiramente a mim e meus irmãos. Ele estava bem melhor; sua saúde psicológica estava mais equilibrada. Claro que as dificuldades de relacionamento apareceram. Tivemos algum desentendimento, alguma briga. Ele também conviveu e se desentendeu com meus irmãos. Mas teve muitos momentos bons. Hoje mantém contato comigo e com meu irmão. Minha irmã tem maior dificuldade de relacionamento com ele, e já faz alguns anos que rompeu novamente a relação com ele.

Eu fui convivendo, entendendo melhor suas dificuldades. Compreendi que ele tinha uma doença e que depois foi buscar tratamento psiquiátrico. Terminei entendendo que ele tinha características que eram dele, que não seriam modificadas, muitas coisas que não me agradavam, mas outras que eu admirava, como os valores, o senso de justiça, a bondade e uma visão progressista da sociedade. Enfim, era meu pai! Ele tinha cometido erros, tinha prejudicado pessoas queridas, mas eu o aceitava. Depois de muitos anos, tive uma reconciliação profunda.

Aconteceu em um momento de muitas mudanças. Estávamos começando a praticar as Cerimônias de Ofício* conjuntas a partir de 2001. Sentia que algo estava se movendo dentro de mim e que me levava à integração de aspectos fragmentados de minha vida. Então, veio a reconciliação com meu pai. Foi alguns dias depois de assistir ao filme Bicho de Sete Cabeças, que conta a história de um rapaz que é internado em um manicômio pelo próprio pai. O filme me trouxe à tona uma imagem da relação de meu pai com meu avô. Era como se novamente tudo fizesse sentido.

Estava reconciliado com meu pai. Hoje agradeço profundamente por poder desfrutar a boa relação que tenho com meu pai. Por isso, considero Sagrada essa experiência de reencontro familiar. Incentivo a todos que me perguntam que procurem trilhar suavemente pelo caminho da reconciliação. Com pedidos sentidos e ações em momentos oportunos, sem tampouco forçar nada, é possível se reconciliar com os pais, mesmo que estejam distantes e até se estiverem em outro plano.

*A Cerimônia de Ofício está presente no livro A Mensagem de Silo

Anexos

1. Extrato das palavras de Silo nas Jornadas de Inspiração Espiritual* em Punta de Vacas, 3, 4 e 5 de maio de 2007

“...Peregrinamos a este lugar desolado buscando a Força que alimente nossa vida, buscando a Alegria do fazer e buscando a Paz mental necessária para progredir neste mundo alterado e violento. Nestas Jornadas estamos revisando nossas vidas, nossas esperanças e também nossos fracassos com o objetivo de limpar a mente de toda falsidade e contradição. Ter a oportunidade de revisar aspirações e frustrações é uma prática que ainda que fosse somente uma vez na vida, deveria fazer todo aquele que busca avançar em seu desenvolvimento pessoal e em sua ação no mundo. Estes são dias de inspiração e reflexão. Estes são dias de Reconciliação. Reconciliação sincera com nós mesmos e com aqueles que nos feriram. Nessas relações dolorosas que se padecemos, não estamos tentando perdoar nem ser perdoados. Perdoar exige que uma das partes coloque a uma altura moral superior e que a outra parte se humilhe diante daquele que perdoa. E é claro que o perdão é um passo mais avançado que o da vingança, mas não é tanto como o da reconciliação.

Tampouco estamos tentando esquecer os agravos que aconteceram. Não é o caso de operar a falsificação da memória. É o caso de tentar compreender o que aconteceu para entrar no passo superior de reconciliar. Nada de bom se consegue pessoal ou socialmente com o esquecimento ou o perdão. Nem esquecimento nem perdão! porque a mente deve ficar fresca e atenta sem dissimulações nem falsificações. Estamos considerando agora o ponto mais importante da Reconciliação que não admite adulterações. Se é que buscamos a reconciliação sincera conosco e com aqueles que nos feriram intensamente é porque queremos uma transformação profunda de nossa vida.

Uma transformação que nos tire do ressentimento no qual, em definitiva, ninguém se reconcilia com ninguém e nem sequer consigo próprio. Quando conseguimos compreender que em nosso interior não habita um inimigo, mas um ser cheio de esperanças e fracassos, um ser no qual vemos, em curta sucessão de imagens, momentos bonitos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento. Quando conseguimos compreender que nosso inimigo é um ser que também viveu com esperanças e fracassos, um ser que teve bonitos momentos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento, estaremos colocando um olhar humanizador sobre a pele da monstruosidade.

Este caminho para a reconciliação não surge espontaneamente, do mesmo modo que não surge espontaneamente o caminho para a não violência. Porque ambos requerem de uma grande compreensão e da formação de uma repugnância física pela violência.

Não seremos nós que julgaremos os erros, próprios ou alheios, para isso estará a retribuição humana e a justiça humana e será a altura dos tempos que exercerá seu domínio, porque eu não quero julgar-me nem julgar... quero compreender em profundidade para limpar minha mente de todo ressentimento.

Reconciliar não é esquecer nem perdoar, é reconhecer tudo o que ocorreu e é propor-se sair do círculo do ressentimento. É passear o olhar reconhecendo os próprios erros e os dos outros. Reconciliar a si próprio é propor-se não passar pelo mesmo caminho duas vezes, mas dispor-se a reparar duplamente os danos produzidos. Mas está claro que àqueles que nos tenham ofendido não podemos pedir que reparem duplamente os danos que nos ocasionaram. Contudo, é uma boa tarefa fazer-lhes ver a cadeia de prejuízos que vão arrastando em suas vidas. Ao fazer isso nos reconciliamos com quem tenhamos sentido antes como um inimigo, ainda que isso não faça com que o outro se reconcilie conosco, mas isso já é parte do destino de suas ações sobre as quais nós não podemos decidir.

Estamos dizendo que a reconciliação não é recíproca entre as pessoas e também que a reconciliação consigo próprio não traz como consequência que outros saiam de seu círculo vicioso embora se possa reconhecer os benefícios sociais de tal postura individual.

O tema da reconciliação tem sido central em nossas jornadas, mas seguramente outros muitos avanços teremos conseguido ao peregrinar fisicamente numa paisagem desconhecida que terá despertado paisagens profundas. E isto sempre será possível se o Propósito que nos leva a peregrinar é uma disposição para a renovação ou, melhor ainda, uma disposição para a transformação da própria vida.

Nestes dias passamos em revista as situações que consideramos mais importantes em nossa vida. Se localizamos tais momentos e passeamos por eles, com a reconciliação limpando os ressentimentos que nos atam ao passado, fizemos uma boa peregrinação até a fonte da renovação e a transformação.”

*Jornadas realizadas no Parque de Estudo e Reflexão Punta de Vacas em maio de 2007.

Disponível em www.silo.net

2. Extrato das palavras de Silo no Ato Público de Madri*, 1981

“...Como vencerá o ser humano a sua sombra? Por acaso fugindo dela? Por acaso enfrentando-a em incoerente luta? Se o motor da história é a rebelião contra a morte, rebela-te agora contra a frustração e a vingança.

Deixa, por primeira vez na história de buscar culpados. Uns e outros são responsáveis do que uma vez fizeram, mas ninguém é culpado do que sucedeu. Tomara que neste juízo universal se possa declarar: “não existem culpados”, e se estabeleça como obrigação moral para cada ser humano, reconciliar-se com seu próprio passado.

Isso começará aqui hoje em ti e serás responsável de que isto continue entre aqueles que te rodeiam, assim até chegar ao último rincão da Terra.

Se a direção de tua vida não tem mudado, necessitas fazê-lo; mas se já mudou necessitas fortalecê-la.

Para que tudo isso seja possível, acompanha-me em um ato livre, valente e profundo que seja além disso um compromisso.

Coloquemo-nos de pé, e frente a nosso próprio futuro, perguntemos: É necessário, para mim e para outros que mude ou se fortaleça a direção de minha vida? Então, em silêncio, escutemos a voz, a voz interna que surge em nós.

É necessário para mim e para outros que mude ou se fortaleça a luz, a direção de minha vida? Tenho fé em que mudará ou se fortalecerá a direção de minha vida?

Então, que brote em ti a força e a luz da vida?

Hoje e não amanhã, veja a reconciliação, beija a teu cônjuge e a teu filho, a tua mãe e a teu pai, abraça a teu amigo e a teu inimigo e diga-lhes com o coração aberto: “Algo grande e novo aconteceu em mim”. E explica-lhes em seguida o que aconteceu, a fim de que eles também possam levar esta mensagem.

Para todos: PAZ, FORÇA E ALEGRIA!”

*Livro “Fala Silo” - Ato Público, Pavilhão dos Esportes, Madri, Espanha, 27 de setembro de 1981.